III SEMINÁRIO DO NECAF E I ENCONTRO DOS EGRESSOS DO GEPEC

POR UMA FORMAÇÃO DOCENTE CONTEXTUALIZADA PARA ESCOLAS DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS

Rafaela de Oliveira Alho[1]
João Beneilson Maia Gatinho[2]

Resumo: Fundamentado nos estudos decoloniais (Argüero, 2012; Luciano, 2017; Walsh, 2019), este texto discute como a formação docente é atravessada pelas realidades culturais das comunidades das águas e das florestas, especialmente em contextos amazônicos. Com a pressuposição de que, a produção do conhecimento pedagógico precisa dialogar de forma profunda e sistemática com as especificidades culturais, ambientais e sociais desses territórios. Analisamos como a realidade cultural das comunidades ribeirinhas influencia a formação docente e a produção do conhecimento, identificando possibilidades de integração entre saberes tradicionais e práticas educativas formais para fortalecer uma educação contextualizada. O estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativistas, no sentido, proposto por André (2005), cujos dados foram coletados por meio de observação participantes em escolas da zona rural e rodas de conversa com estudantes, professores e agentes escolares que atuam na Educação do Campo. Os resultados evidenciam que (i) a formação docente ainda privilegia modelos urbano-centrados, desconsiderando conhecimentos ribeirinhos sobre navegação, pesca, agricultura de várzea e medicina tradicional, elementos que estruturam a vida comunitária; (ii) Professores enfrentam dificuldades em adequar currículos às realidades locais, enquanto os saberes comunitários permanecem, muitas vezes, marginalizados pela escola formal; (iii) Experiências exitosas de docentes que incorporam os calendários das cheias e vazantes, adaptando rotinas às condições ambientais e reconhecendo que a aprendizagem ocorre também no território. A formação docente voltada às comunidades ribeirinhas aponta o estudo para uma reformulação epistemológica que reconheça a diversidade cultural amazônica como fundamento para produção de conhecimentos pedagógicos. Da mesma forma que é essencial desenvolver políticas de formação inicial e continuada que valorizem saberes tradicionais, promovam diálogos interculturais e preparem educadores para atuar nesses contextos ribeirinhos, superando modelos hegemônicos e construindo uma educação verdadeiramente amazônica, crítica e decolonial. Essa orientação fortalece processos de ensino-aprendizagem mais significativos, amplia a autonomia pedagógica e contribui para a valorização dos modos de vida ribeirinhos, camponeses e florestais.

Palavras-chave: formação docente; saberes tradicionais; comunidades ribeirinhas; produção do conhecimento.

[1]acadêmica do curso de Pedagogia do Campo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
[2]professor/doutor da universidade do Estado do Amazonas (UEA) e orientador da atividade.